



PERFIL

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Primeiramente, quero agradecer em nome do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília pela sua disponibilidade e generosidade em nos conceder essa entrevista. Para começar a nossa conversa, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a sua chegada a Brasília e o processo de entrada na UnB como professor.

COUTINHO:

Eu gosto muito dessa pergunta, pois ela me remete a muitos fatos que aconteceram na minha vida, como a decisão de sair de Porto Alegre, onde eu vivia e estava começando uma vida profissional, com escritório. Trabalhava no setor de planejamento do Estado e estava começando a lecionar. Precisava tomar a decisão: “vou ou não vou para Brasília?” Mas o motivo era apaixonante. Tinha um colega, uma figura excepcional, um líder de cabeça arejada, Miguel Pereira. Ele liderou movimentos de estudantes e professores pela reforma do ensino de arquitetura lá. Exatamente no momento

ENTREVISTA PROF. JOSÉ CARLOS COUTINHO
Carolina Borges | Yara Regina | Bárbara Tavares | Henrique Gonçalves

que eu estava começando, e aqui em Brasília estavam passando por uma grande crise – é importante contextualizar, pois era o momento da ditadura se instalando em 1965. A universidade estava começando a funcionar em 1962, então três anos mais tarde passava por uma grande crise onde 200 professores, quase totalidade, pede demissão em solidariedade a um grupo que foi perseguido pela ditadura. Eu conheço alguns desses professores, o Edgar Graeff, por exemplo, foi um mestre para mim. Ele já tinha me convidado para vir à Brasília, e eu dizia a ele: “o que eu vou fazer no meio daquela poeira?” Eu não tenho o entusiasmo dele. Ele era uma pessoa fantástica. Mas em 1968, com a crise que se estabeleceu aqui em 65, criou-se um vazio, um vácuo com a demissão dos grandes nomes, entre eles o Graeff e Athos. Os estudantes se revoltaram e criou-se uma liderança muito forte também no movimento estudantil. Então eles se organizaram e deram um ultimato para Reitoria da Universidade, que nessa época estava na mão do civis tutelados pela ditadura e alguns até apoiadores da ditadura, que eles entrariam em greve e fechariam a faculdade de arquitetura e artes. E foi a razão do convite que me fizeram na época. Os estudantes encarregam o Miguel Pereira para articular uma estratégia para a reabertura dos cursos, e a ideia que surgiu foi fazer um seminário nacional aqui em Brasília entre aquelas escolas que tinham feito movimento para reforma de ensino. Na última noite do seminário, todos se preparando para voltar e os estudantes

pedem uma reunião e perguntam: “quem que vai coordenar isso agora?” E ninguém podia aceitar no momento, e quando chegou a minha vez, um dos estudantes apontando o dedo para mim falou: “você fica?” E eu tremendo, na hora me veio um lampejo, essas coisas que a gente não sabe explicar que vem de repente. E eu disse: “eu fico”. Eu era solteiro na época, tinha 33 anos, a mesma idade que Jesus foi crucificado, nunca vou esquecer. Será que foi uma coincidência? Brasília era o sonho da minha geração. Eu me formei em 60, no ano de inauguração de Brasília. É como se eu tivesse predestinado. O destino me conduziu para Brasília. É como já dizia Vinicius de Moraes: “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

Como foi ser professor na UnB naquele momento de ditadura, em que você fazia parte de um grupo que tinha uma postura de resistência?

COUTINHO:

O nosso trabalho de lá para cá se resumiu a implantar as propostas e retomar o plano de Darci Ribeiro, e não é por acaso que eu me tornei professor de teoria da arquitetura, que era a disciplina do Edgar Graeff, e criamos aqui a matéria de teoria e história da arquitetura – pois não adianta estudar só a teoria, temos que contextualizar os fatos. Estudávamos também urbanismo, pois só o edifício não basta. E outra coisa foi a integração entre

disciplinas. Nós odiávamos a ideia de cada professor no seu feudo. Nas nossas reuniões de programações didáticas, fazíamos em conjunto com os estudantes, onde o número de estudantes era igual ao número de professores. O lema era “paridade com responsabilidade”. O curioso é que no processo criativo e dinâmico como esse, as soluções vão aparecendo com as próprias dificuldades. Nós íamos estudar o problema habitacional brasileiro na favela: nós pegávamos uma turma e colocávamos no ônibus e íamos estudar em campo. Material humano vivo para trabalharmos, uma experiência que para eles era completamente nova. Os estudantes eram de classe média que morava no plano piloto, muitos deles nunca tinham colocado o pé em um lugar assim. As soluções que os moradores da favela davam aos problemas eram muito bonitas, havia um toque de beleza e sensibilidade incrível. Era um repertório novo muito enriquecedor. Eu acho que o ensino moderno deve ser o ensino que se faz no próprio processo, onde estudantes e professores aprendem juntos no processo da descoberta. E eu, como professor, tenho um monte das minhas ideias alteradas e enriquecidas pelos meus alunos. Eu costumava dizer para eles: “não acreditem em tudo que eu disser, pois eu posso mudar de opinião amanhã”.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Em relação à constituição hoje do ensino do Distrito Federal, qual a sua opinião sobre aos cursos de arquitetura?

COUTINHO:

Eu nem sei exatamente o que se passa dentro da sala de aula, não conheço todas as escolas e os cursos, e hoje temos 11 cursos de Arquitetura em Brasília. Na minha época de estudante, nós tínhamos 8 no Brasil inteiro. Em São Paulo nós tínhamos a USP e o Mackenzie, que era mais técnico. A USP era mais conceitual, nós debatíamos mais, então havia uma rivalidade, inclusive. Aqui em Brasília eu conheço as vertentes que os cursos tomam. O CEUB, por exemplo, tem uma vertente mais prática, é um bom curso de arquitetura. A UnB está uma *mélange*, mas a minha esperança é que existem muitos professores da minha geração ainda hoje, e eu confio muito nesses professores que herdaram do espírito. A Católica eu conheci pouco, mas eu gostei muito dos espírito dos alunos.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Você acha que existe um movimento arquitetônico e/ou artístico que nasceu da UnB?

COUTINHO:

Na época que Brasília foi feita, ela não representava a arquitetura brasileira, representava uma parte da arquitetura brasileira, que era a arquitetura do Rio de Janeiro. A maior parte dos Arquitetos que trabalhavam aqui eram do Rio de Janeiro, muitos deles associados ao grupo do Oscar. Nesse mesmo momento, havia em São Paulo uma outra linha da cultura

“Na época que Brasília foi feita, ela não representava a arquitetura brasileira, representava uma parte da arquitetura brasileira, que era a arquitetura do Rio de Janeiro.”

Coutinho

brasileira que me parecia mais promissora, mas carregada de ideias novas. Brasília ainda é muito herança do passado, a legitimidade de Brasília, eu acho, vem da evolução da arquitetura brasileira. Lúcio Costa, além de ser arquiteto mestre da vanguarda brasileira, era um homem que conhecia profundamente a história da arquitetura, era o maior conhecedor da arquitetura brasileira. Ele passou por todas as experiências da cultura brasileira – arquitetura portuguesa, arquitetura de transição que foi o eclétismo,... Ele foi um arquiteto eclético, que militou nessa transição com José Mariano, que foi grande propagandista do neocolonial brasileiro, cujo o lema era “se é para copiar, copiamos o que é nosso”. Eu acho que o arquiteto que merece mais visibilidade é o Artigas. Ele é um arquiteto completo, um autor que escreveu muito bem, um grande mestre, ele fez a escola em São Paulo. Eu costumava dizer que o Artigas fez discípulos, o Oscar fez imitadores. O pessoal do Artigas era formado por pensadores, o próprio Paulo Mendes da Rocha seguiu ensinamentos do Artigas porém com ideias próprias. Ele conseguiu transmitir ideias, e não desenhos. Por isso que eu digo que Brasília não é expressão da arquitetura brasileira, é a expressão de uma cultura brasileira. Havia uma rivalidade na arquitetura de São Paulo e Rio. A arquitetura brasileira peca pela falta de unidade, pois são muitas influências, muitos pensamentos e muito pragmatismo no Brasil e em Brasília. A arquitetura hoje é dominada pelo mercado imobiliário, e os arquitetos hoje são poucos os que têm

uma carreira solo. Muitos deles fazem uma arquitetura razoável, mas é uma arquitetura sem caráter, muitas vezes se ignora a cultura brasileira, talvez por conta dos materiais modernos. É muito alumínio, muitas fachadas envidraçadas, muita maquiagem. É como o Artigas dizia: “isso é alta costura, não é arquitetura”. Eu acho que a arquitetura hoje é produzida pelos fabricantes de materiais, só se faz cristaleiras. A arquitetura hoje está muito marcada pelo capital, pois só quem tem dinheiro para fazer arquitetura são as grandes empresas. Hoje se faz poucas casas e as casas hoje já não têm mais as expressões que tinham antigamente.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

O que merece destaque na arquitetura de Brasília atualmente?

COUTINHO:

Na paisagem de Brasília hoje, o que merece destaque como arquitetura é prédio do SEBRAE, que é um bom projeto, mas é a arquitetura paulista inserida em Brasília; o prédio da Associação de Transportes Aquáticos, que é um prédio com material industrial; tem o prédio do Pedro Paulo Saraiva para o CONFEA, também de material Industrial que ele soube explorar bem. Tem o prédio do setor militar da Pouplex, do Danilo Matoso, que é um prédio muito correto, um bom projeto. Perto do Jardim Botânico tem uma casa do Renato Barbieri, que ele comprou do proprietário original e respeitou o projeto do Mateus Gorovitz, um espaço interno

contínuo com desníveis, que tinha sido de um colecionador de arte e ele fez na casa um museu.

PROF. CAROLINA BORGES (CAU/UCB):

A divisão do Plano Piloto em escalas, separando o monumental e o cotidiano, o público e o privado, guarda o ideal de que tal separação física poderia resultar numa separação “funcional”, gerando uma sociedade mais democrática e igualitária. Como o senhor vê esse idealismo e utopia no projeto de Lúcio Costa?

COUTINHO:

10 Existe um mal-entendido de que Lúcio Costa era um arquiteto elitista, que previu a divisão de classes, que projetou a cidade para elite, e no máximo para classe média. E onde ficam os pobres? O Lucio Costa era uma pessoa da maior sensibilidade para isso. Era um sujeito que não era comunista, nem socialista, mas tinha uma sensibilidade social muito aguda e não ignorava esse problema. No relatório, ele menciona a gradação social, e Brasília deveria abrigar as diversas gradações sociais. Mas como tudo nesse país acontece como a dinâmica incontrolável, no processo de construção de Brasília, precisou-se fazer as cidades dormitórios em sua volta para abrigar o excedente de população, que na verdade não era excedente, era um excedente da camada de população que não tinha onde morar aqui no plano. Isso não foi porque não foi previsto pelo Lucio Costa,

mas porque o mercado imobiliário não permitiu que essas pessoas usufruíssem de uma renda capaz de pagar um aluguel aqui dentro. No Relatório, ele fala que é preciso projetar apartamentos de diversos tamanhos na mesma quadra para não haver estratificação social, ou seja, ele fala nessa gradação social que estaria gradualmente integrada. Além disso, os blocos das quadras não eram suficientes para receber essa gradação social, daí ele resolve acrescentar uma faixa de quadras que não estava prevista no plano, que são as 400 –blocos econômicos que não tinham elevador e alguns nem pilotis, se permitindo a ocupação do térreo. Mas a dinâmica gera um sistema discriminatório, excludente e concentrador de renda. De repente começou a se ter uma alta de preço no mercado imobiliário e os moradores vendiam esses apartamentos por um preço que eles jamais teriam trabalhado, e foram para as satélites. Lúcio Costa pensou até o alcance do possível, e uma vez ocupado Plano Piloto, seriam construídas as cidades satélites com as mesmas características e qualidades do Plano Piloto, mas esse processo foi atropelado pela realidade. Esse processo de centrifugação da população não atinge só o pobre, mas atinge também a classe média, que no processo de envelhecimento de Brasília, as quadras estão sendo abandonadas, a população envelheceu. No apartamento onde morava uma família, hoje mora dois velhos, não tem crianças na quadra. As escolas são para filhos de empregadas domésticas. A cidade mudou

em sua estrutura, em sua constituição e população.

PROF. YARA REGINA (CAU/UCB):

Existe algum lugar fora do Plano Piloto com a mesma qualidade de vida no Distrito Federal?

COUTINHO:

O Plano Piloto é inigualável, apesar de que entre as duas asas a gente já sente um pequeno desnível, mas é comparável a qualidade. Asa Sul tem o privilégio de ter nascido primeiro, então tem uma vegetação mais abundante, mais florida. As quadras 700 se tornaram muito feias, muito degradadas, mas tem espaço e ventilação. Fora daqui, temos alguns condomínios, que é preciso ser justo, são muito agradáveis. Está acontecendo esse processo onde quem tem meio de locomoção próprio, pode escolher onde morar – o Altiplano Leste é um local seletivo. Mas nós temos que nos preocupar é com os lugares onde os moradores não tem escolha de localização. Hoje em dia ainda é um privilégio poder morar perto de um hospital e de uma linha de ônibus, mas já é um grau de pobreza. O Plano Piloto é um paraíso, temos que nos dar conta do privilégio em termos mundiais.

A Carla Osório, que é uma promotora de arte, fez uma Bienal de Arquitetura junto com o IAB, e me pediram para fazer o programa educativo da Bienal e treinar monitores para acompanhar escolas e grupos que iam visitar. Então o que

podemos dizer de uma Bienal que premiou palácios de uma arquitetura rica, e nós temos que conduzir por aí estudantes que moravam em Samambaia e na Ceilândia? Então eu tive a oportunidade de mostrar que o que se faz, na verdade, não é só do dono que constrói, aquilo pertence à rua por onde eu passo e que aquilo tem obrigação de ser belo. Não pode ser uma coisa qualquer, pois aquilo me pertence também, está na minha paisagem. Ao terminar a visita, eu pedia para os estudantes desenharem o espaço onde eles vivem, crianças que estavam pegando no lápis pela primeira vez. O resultado foi surpreendente! Quando eu pedi para uma criança desenhar a planta da casa, a criança desenhou uma casa com telhado de duas águas com uma palmeira da frente. Aquela criança entendeu a proposta, ela desenhou o que se identificava na casa. Isso é uma forma de lutar contra a exclusão. Existem aqueles que dizem que Brasília é o plano piloto. Não! Brasília é tudo. De Brasília até Ceilândia, é o Céu Azul. Isso é Brasília com todas suas contradições. Existem as próprias pessoas da Ceilândia que dizem que não fazem parte de Brasília. Fazem sim! Existem pessoas no Plano Piloto que lutam pela integração da Ceilândia. Então existe a Brasília boa e a Brasília que não presta, eu só admito esse tipo de divisão. Eu acho essa discussão super importante, pois esse separatismo gera uma agressividade entre as cidades. Outro dia eu tive uma discussão com uma aluna de comunicação que mora na Samambaia. Ela só ia para a Unb para

assistir aula e depois voltava para casa. Ela dizia “ eu sou de Samambaia, não sou daqui, isso aqui não me diz respeito” e eu disse para ela “ você está enganada, você é daqui sim, e você tem responsabilidade com tudo o que acontece aqui, como nós temos responsabilidade com tudo que acontece lá”. Eu acredito que existe um ressentimento do pessoal da Ceilândia, de como se formou a Ceilândia, que foi realmente um processo de expulsão dos moradores. Eu tive a oportunidade de ver essa relocação, que foi quase que uma operação de guerra. Eu vi os barracos serem levados em caminhões da limpeza urbana, você quer algo mais simbólico do que isso? Isso é dramático. Isso cria ressentimento, e esse ressentimento gera a criação de guetos. O que mais me surpreende na Ceilândia não é a pobreza das construções, mas a falta de vegetação, você não vê uma árvore. A cidade é uma só: Brasília. O resto são bairros. Brasília hoje é uma cidade metropolitana, que está além dos limites do Distrito Federal. O nosso sistema centrifuga as pessoas pobres para cada vez mais longe. O transporte público é a força que pode combater essa centrifugação da população.

“Existe um mal-entendido de que Lucio Costa era um arquiteto elitista, que previu a divisão de classes, que projetou a cidade para elite, e no máximo para classe média. E onde ficam os pobres? O Lucio Costa era uma pessoa da maior sensibilidade para isso.”